Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

ESTUDO DOS TRÊS TEMPOS DE ÉDIPO NA TRANSFERENCIA

Fabiana de Mattos Grosso - fabiana_mg@hotmail.com

Resumo: Estudo sobre Complexo de Édipo no Seminário 5 - As Formações do Inconsciente articulado com o Seminário 8 - A transferência e com o Falo na obra Freudiana e Lacaniana.

Palavra-chave: Complexo de Édipo, Falo, Inconsciente, Transferência

São Paulo

2022

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

STUDY OF THE THREE TIMES OF OEDIPUS IN THE TRANSFER

Fabiana de Mattos Grosso - fabiana_mg@hotmail.com

Summary: Study on the Oedipus Complex in Seminar 5 - The Formations of the Unconscious articulated with Seminar 8 -Transference and the Phallus in Freudian and Lacanian works.

Keywords: Oedipus Complex, Phallus, unconscious, transference

São Paulo

2022

Estudar no Vox é um caminho longo em que, a cada passo, as diretrizes vão tomando contornos novos em minha formação. O enlaçamento entre escrita, insistência e fracasso deu o rumo deste trabalho no decorrer do estudo do Seminário 8 – A transferência, sendo está a terceira vez consecutiva em torno do mesmo tema complexo de Édipo e a significação do falo, que vou procurar fazer uma articulação com a transferência.

Em cada apresentação me dava conta, que, para uma maior compreensão do seminário, alguns pontos trabalhados anteriormente por Lacan precisavam ser retomados, para que pudesse expor o conteúdo atual com maior propriedade. A ansiedade do novo me distanciava deste caminho. O estudo para a jornada, permitiu que eu retornasse ao Seminário 5 – As formações do Inconsciente.

De forma breve, procurarei expor alguns pontos que considero, hoje, a compreensão teórica necessária. Começo por uma aparente e simples colocação na qual Lacan insiste: o complexo de Édipo é inconsciente, Freud o introduziu desde seu texto: A interpretação dos sonhos (FREUD, 1900).

Lacan faz um alerta aos analistas: se tudo fosse apenas uma questão de mamãe e papai, Freud não teria encontrado o complexo de Édipo nos sonhos. Assim, para Lacan, o que o inconsciente revela, acima de tudo, é o complexo de Édipo:

> "a importância da revelação do inconsciente é a amnésia infantil que incide (...) sobre a existência dos desejos infantis pela mãe e sobre o fato de esses desejos serem recalcados. E não apenas eles são reprimidos, como se esquece que esses desejos são primordiais" (LACAN, 1957/1958, p. 167).

Tanto para Freud quanto para Lacan, o Édipo consiste na relação inicial que a criança estabelece com a mãe e na interdição desta relação que é o complexo de castração.

Nos capítulos intitulados "Os três tempos do Édipo", Lacan inicia o primeiro tempo dizendo que não há como estudar o Édipo sem pensar na estruturação topológica do imaginário. E, para se compreender o imaginário, é necessário o estudo do texto "O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos revelada na experiência analítica" (LACAN, 1948, p.96). Para Lacan, é a partir da alienação fundamental inicial no Outro materno, como espelho, que o primeiro tempo do Édipo se constitui.

Aprendi este ano com mais apropriação que as noções do corpo próprio como unidade e as noções do eu são uma construção, somente possível, na relação com o outro, nomeada por Lacan

como Outro materno. A mãe – Outro materno – como aquela que ocupa o papel na relação com a criança de oferecer algo além da satisfação das necessidades. A mãe vai se ocupando da criança, significando seus gestos, seus choros, nomeando-a, sendo necessário sinalizar que todo esse processo ocorre marcado pelo simbólico.

É por este Outro materno que "a primeira relação de realidade se desenha entre a mãe e o filho e é aí que a criança experimenta as primeiras realidades de seu contato com o meio vivo" (LACAN, 1957-1958, p.233). É dessa primeira relação vivida pela criança, a partir da mãe, que Lacan fala do primeiro tempo do Édipo, no qual "a criança se esboça como um assujeito. Trata-se de um assujeito porque, a princípio, ela se experimenta e se sente como profundamente assujeitada ao capricho daquele de quem depende, mesmo que esse capricho seja um capricho articulado" (LACAN 1957-1958. p. 195).

O que a criança busca é poder satisfazer o desejo da mãe, isto é, ser ou não ser o objeto de desejo da mãe. Nas palavras de Lacan,

> no primeiro tempo e na primeira etapa, portanto trata-se disso: o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é o objeto do desejo de sua mãe. Essa é a etapa fálica primitiva, aquela em que a metáfora paterna age por si, uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo do discurso e da lei. Mas a criança, por sua vez só pesca o resultado. Para agradar a mãe...é necessário e suficiente ser o falo. Nessa etapa, muitas coisas se detêm e se fixam num certo sentido. (LACAN 1957-1958 p. 198)

O primeiro tempo consiste em uma etapa muito significativa da estruturação topológica e que, na neurose, será ultrapassada. Entendo ser preciso um esclarecimento, antes de passar para o segundo tempo do Édipo. Trata-se de procurar esclarecer a metáfora paterna. Lacan, sendo o leitor rigoroso da obra freudiana, procura extrair do mito sua estrutura simbólica e a escreve pela metáfora paterna.

Início pelo lugar do pai no primeiro tempo: "em primeiro lugar, a instância paterna se introduz de uma forma velada, o que ainda não aparece. Isso não impede que o pai exista na realidade mundana, ou seja, no mundo, em virtude de neste reinar a lei do símbolo" (LACAN 1957-1958 p. 200). Lacan fala com precisão: "o pai é um significante que substitui outro significante, nisso está o pilar essencial, o pilar único da intervenção do pai no complexo de Édipo" (LACAN 1957-1958 p. 180). E sua função é "um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno" (LACAN 1957-1958 p.180).

Caminho agora para o segundo tempo do Édipo. Os elementos necessários para a superação do primeiro tempo estão localizados neste tempo.

Por este serzinho, como nomeia Lacan, já ser tomado pelo simbólico, e por haver aprendido a simbolizar, pode-se dizer que a mãe vai e vem, ele a sente ou não a sente. O mundo deste serzinho vai variar com sua presença e pode desaparecer. A ausência materna é o que oferece à criança a condição de inserção no campo simbólico, implicando lidar com a presença e a ausência, com uma representação, quando o objeto falta. Na medida em que a mãe pode estar ou não presente, a criança tem condições de simbolizá-la.

Lacan nos ensina, mais uma vez: este serzinho bem que gostaria que fosse a ele que a mãe quer, mas também já sabe que não é ele que ela quer. Esta outra coisa que mexe com a mãe, este significado das idas e vindas da mãe é o falo.

O pai para Lacan, no segundo tempo, é aquele que proíbe a mãe. Como objeto, a mãe é dele, pai, e não do filho. Este aspecto é igual tanto para o menino quanto para a menina: o pai proíbe a mãe. O pai frustra o filho, a filha, da posse da mãe. Assim, não é do pai real que se trata, mas da ideia do pai simbólico, nomeado por Lacan como metáfora paterna. Lacan pontua que a metáfora se situa no inconsciente, lembrando, então, que é o mesmo no complexo de Édipo.

É neste segundo tempo que a criança, se tudo caminhar mais ou menos como deve ser, sairá de seu acoplamento com o desejo materno. Lacan considera este momento um ponto nodal tamanho a importância, pois se a criança não o ultrapassa, ela mantém em pauta uma certa forma de identificação com o objeto da mãe.

Neste segundo tempo há uma quebra na ilusão primeira da criança de ser o falo materno; daí a importância agora da percepção de que a mãe não é fálica. A falta materna é a marca importante deste tempo, trata-se então dos efeitos da falta do Outro sobre a própria criança e não de algo específico neste sujeito que é a mãe. Instaurando um enigma no lugar do desejo materno, a criança pergunta o que deseja a mãe para além dela.

Há também uma pontuação significativa do desejo materno quando Lacan afirma que, na mãe, deve haver "o desejo de Outra coisa que não satisfazer meu próprio desejo, que começa a palpitar para a vida" (LACAN, 1957-1958, p.182) Ao falar do pai, Lacan afirma: "o pai intervém em diversos planos. Antes de mais nada ele intervém a mãe. Esse é o fundamento, o princípio do complexo de Édipo, é aí que o pai se liga à lei primordial da proibição do incesto. É o pai recordam-nos, que fica encarregado de representar essa proibição" (LACAN 1957-1958 p.174)

O pai proibidor pode ser considerado uma interpretação da criança, uma vez que tenha sido a ele atribuída a ausência materna, o pai passa a ser imaginariamente concebido como o terrível proibidor da mãe.

Neste segundo tempo a criança começa a lidar com um Outro faltante, desejante, essa constatação da falta de um objeto que a mãe apenas supostamente tinha, considerando a própria criança, no lugar de falo. Lacan chama de ponto nodal por ser neste tempo que "cabe ao sujeito aceitar, registrar, simbolizar, dar valor de significação à privação da mãe pelo pai, à privação da qual a mãe é o objeto" (LACAN 1957-1958 p.191).

O essencial é o sujeito infantil assumir ou não, aceitar ou recusar. Neste ponto passam todas as possibilidades de saída do complexo de Édipo, em que Lacan traz o

terceiro tempo.

Compete ao terceiro tempo a definição do Édipo como um ordenador da sexualidade humana, na qual depende fundamentalmente a instauração da metáfora paterna e da articulação do falo como elemento significante, o que é preparado no primeiro e segundo tempos.

Enquanto no segundo tempo o pai era terrível e onipotente, no terceiro o pai intervém como permissivo e doador no nível da mãe; agora, é o pai que tem o falo, sendo assim, "o pai se revela como aquele que tem. É a saída do complexo de Édipo" (LACAN 1957-1958 p. 200). O terceiro tempo do Édipo tem função normativa, não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem em suas relações com a realidade, mas quanto à assunção de seu sexo.

Há o duplo na genitalização: a maturação e a assunção do próprio sexo pelo sujeito, isto é, aquilo que faz com que o homem assuma um certo tipo viril e a mulher um certo tipo feminino. Virilidade e feminilidade traduzem o que é a função do complexo de Édipo. Neste último patamar, trata-se do pai como aquele que se faz preferir no lugar da mãe; essa marca leva à formação terminal, aquela do ideal do eu, sendo na medida em que o pai se torna preferível à mãe, seja na vertente que for, pelo lado da força ou da fraqueza, que se pode estabelecer a identificação final, este é o sentido neste terceiro tempo.

A função do pai tem seu lugar na análise, está no centro da questão do Édipo. É aí que ela se presentifica. É na medida em que o pai substitui a mãe como significante que vem a se produzir o resultado comum da metáfora paterna. Lacan alerta para não se confundir o pai normativo com o pai normal, pois, ao se confundir, se rejeita toda a questão estrutural da teoria lacaniana. Um

exemplo é: falar da carência do pai normal na família não é o mesmo que falar de carência no complexo; para isso, é preciso introduzir outra dimensão que não a da realidade mundana.

Penso que os três tempos do Édipo são atualizados numa análise; é preciso ter este raciocínio como pano de fundo sempre que há furo, que há uma atualização da estrutura topológica do sujeito, as posições no grafo do desejo, na banda de Moebius vão se modificando; afinal o que se busca num tratamento analítico é a possiblidade do movimento estrutural e não moral.

Pelo que compreendi em meu estudo, a cada vez em que há certa movimentação estrutural, o Édipo está presente, sendo preciso mensurar a incidência do medo experimentado no Édipo em relação ao pai e vão se modificando as relações com a castração, com a falta experienciada, anteriormente com o Outro materno.

Pelas articulações presentes, os efeitos manifestam-se, particularmente nos objetos privilegiados, que se encontram no plano imaginário, nas neuroses. Lembrando que a relação do filho com o falo se estabelece na medida em que o falo é o objeto do desejo da mãe.

Lacan comprovou na experiência analítica que o pai, como aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo, a saber, o objeto fálico, desempenha um papel absolutamente fundamental em qualquer neurose e em todo o desenrolar, por mais fácil e normal que seja o complexo de Édipo. O sujeito se posicionou de uma certa maneira, num certo momento de sua infância, quanto ao papel desempenhado pelo pai no fato de a mãe não ter o falo; esse momento nunca é eliminado.

Tem uma passagem mais longa de Lacan, mas de maior relevância, pois, no Seminário 5, já há o apontamento para o declínio da metáfora paterna trabalhada por ele no Seminário 8. Vejamos:

> ...quando o sujeito se mostra para a mãe e lhe faz ofertas, momento ainda muito próximo do da identificação imaginária com o falo, o que acontece desenrola-se na maioria das vezes,
>
> (...) no plano da depreciação imaginária. A mãe é perfeitamente capaz de mostrar ao filho o quanto é insuficiente o que ele lhe oferece, e também é suficiente para proferir a proibição do uso do novo instrumento. No entanto o pai entra em jogo, isso é certo, como portador da lei, como proibidor do objeto que é a mãe.
>
> (...) Mas ninguém jamais pensou em colocar no primeiro plano do complexo de castração o fato de o pai promulgar efetivamente a lei de proibição do incesto" (LACAN 1957-1958 p.193/194).

Como último tópico abordado neste estudo para a jornada, apresento um guia, assim nomeado por Lacan, para termos presente em cada momento no atendimento clínico, que é sobre o sujeito

> "quando há sujeito falante, não há como reduzir a um outro, simplesmente, a questão de suas relações como alguém que fala, mas há sempre um terceiro, o grande

> Outro, que é constitutivo da posição do sujeito enquanto alguém que fala, isto é, também como sujeito que vocês se analisam" (LACAN 1957-1958 p.186)

Este ponto é importante porque, na clínica, lidamos com seus efeitos, isto é, o que acontece quando encontramos no sujeito a exigência, os desejos, as fantasias e mais ainda, aquilo que parece ser o mais incerto, o mais difícil de captar e definir.

Os três tempos do Édipo era uma teoria necessária para o estudo no Seminário 8 e para o texto por mim apresentado dos Escritos A significação do falo.

Os três tempos são apresentados num seminário onde Lacan constrói, passo a passo, o grafo do desejo; então, um retorno do estudo da topologia se fez necessário.

Este texto é meu caminho para esta apropriação teórica.

Referências Bibliográficas

FREUD, S. (1900). **A Interpretação dos Sonhos. In: Obras completas**. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996

LACAN, J. (1948). **O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos revelada na experiência analítica**. In. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998

LACAN, J. (1958). **A significação do falo In. Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998

LACAN, J. (1957-1958). **Seminário 5: as formações do Inconsciente**. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor, 1999